

Francis Bacon

A grande restauração
(Textos introdutórios e *A escada do entendimento*)

Título original: FRANCIS BACON - INSTAURATIO MAGNA E SCALA INTELLECTUS

© Alessandro Rolim de Moura e Luiz A. A. Eva

Capa: DANIELA VICENTINI, sobre ALBRECHT DÜRER, *Astrônomo*, 1500.

Diagramação: GISELE MARIA SKROCH

Revisão: SILVANA SEFFRIN

Bacon, Francis, 1561-1626.

A grande restauração (Textos introdutórios e A escada do entendimento) / Francis Bacon; organização, tradução e notas de Alessandro Rolim de Moura e Luiz A. A. Eva. - Curitiba, PR: Segesta, 2015.

50 p. il.; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-89075-16-9

1. Filosofia inglesa. 2. Teoria do conhecimento. I. Moura, Alessandro Rolim de. II. Eva, Luiz A. A. III. Título.

CDD (22ª ed.)

192

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: MARA REJANE VICENTE TEIXEIRA

Francis Bacon

A grande restauração
(Textos introdutórios e *A escada do entendimento*)

Organização, tradução e notas
Alessandro Rolim de Moura e Luiz A. A. Eva

Curitiba
2015



SEGESTA
EDITORIA



SEGESTA
EDITORA

Rua Des. Westphalen, 15, conj. 1.705
Curitiba/PR
80010-903
Tel.: (41) 3233 8783
www.segestaeditora.com.br
e-mail: segesta@uol.com.br

NOTA SOBRE A TRADUÇÃO

A grande restauração (Instauratio magna) é o título dado por Bacon ao seu amplo projeto de estabelecer uma nova ciência da natureza capaz de restaurar, como se lerá, os laços entre a mente humana e as coisas. A parte mais conhecida desse projeto – do qual ele pretendia ser mero iniciador – é a segunda, materializada no *Novum organum*. O leitor encontrará aqui, porém, os textos introdutórios dessa grande obra que nos foram legados por Bacon, importantes para a compreensão do seu sentido geral e dimensão. A eles acrescentamos *A escada do entendimento*, que possivelmente corresponde a um esboço do que deveria vir a ser a quarta parte da obra.

Neste trabalho utilizamos, para os textos introdutórios, o original latino estabelecido por Graham Rees e Maria Wakely para a nova edição das obras completas de Francis Bacon (*The Instauratio magna part II: Novum organum and associated texts*. Oxford: Clarendon Press, 2004), e, para *A escada do entendimento*, o texto editado por James Spedding, Robert Leslie Ellis e Douglas Denon Heath (*The works of Francis Bacon*, v. 2. London: Longman and Co., 1857). Na solução de algumas dúvidas a respeito dos textos introdutórios, foram de grande valia a tradução de Rees e Wakely, o texto italiano de Paolo Rossi (Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1975), a tradução para o francês de Michel Malherbe e Jean-Marie Pousseur (Paris: Presses Universitaires de France, 1986) e a tradução inglesa anônima publicada no volume 4 (1858) da obra dos já citados Spedding, Ellis e Heath, bem como a versão em português do *Novum organum* feita por José Aluysio Reis de Andrade (São Paulo: Abril Cultural, 1973). A tradução dos textos introdutórios de *A grande restauração* foi

A grande restauração

(Textos introdutórios e A escada do entendimento)

realizada por Alessandro Rolim de Moura, enquanto Luiz A. A. Eva se encarregou de traduzir *A escada do entendimento*. Todos os textos, contudo, foram revisados e discutidos pelos dois tradutores.

Antes de tudo, procuramos ser fiéis àquilo que nos pareceu ser o pensamento do autor. Ao mesmo tempo, esforçamo-nos para transpor o estilo de Bacon, bastante influenciado pela linguagem da Bíblia e pelos clássicos latinos. Quando não pudemos conciliar os dois critérios, privilegamos o compromisso com a precisão do sentido. Notamos que muitos momentos destes pequenos e densos textos seguem o espírito aforístico do *Novum organum*, e conservar isso foi uma de nossas maiores preocupações. Observa-se que o autor é muito cuidadoso na elaboração das metáforas presentes nestes textos, as quais são concebidas para traduzir com exatidão determinados conceitos e reaparecem em outras passagens de sua obra, dando-lhe coerência do ponto de vista imagético. Procuramos traduzir essa linguagem metafórica da forma mais precisa possível, na tentativa de evitar que a elaboração da prosa filosófica de Bacon passe despercebida. Pormenores aparentemente sem importância na construção dessas imagens revelam-se, na verdade, escolhas pensadas para oferecer paralelos exatos entre os argumentos do raciocínio e os diversos aspectos das alegorias que o acompanham.

Exemplos claros são a metáfora da navegação como processo de expansão do conhecimento humano, desenvolvida com vários detalhes e ilustrada pela gravura que aparece no frontispício da edição de 1620 de *A grande restauração* (ver p. 13), ou a metáfora militar, por meio da qual o autor estabelece a contraposição entre a sua própria empresa, destinada também a oferecer “auxílios e defesas” ao entendimento, e a ameaça dos “ídolos”, que, protegidos pelas muralhas da dialética então existente, são detentores do poder de assediar continuamente a razão. O próprio uso da metáfora no texto tem uma justificativa metodológica e uma coerência com a dimensão aforística do *Novum organum*, na medida em que Bacon não pretende antecipar de modo mais explícito resultados que possam vir a comprometer o rigor de um método que deve ser

A grande restauração

(Textos introdutórios e A escada do entendimento)

elaborado ao passo que a ciência avança. Para o tradutor, advém daí o perigo de, ao procurar modernizar em demasia o estilo (adaptando metáforas inusitadas em português ou utilizando expressões do nosso cotidiano), perder-se muito das sutilezas do texto.

O latim de Bacon é em geral correto, não obstante alguns desvios do uso clássico (e.g. *A grande restauração*, fl. C2^r, p. 143, Spedding et al.: *detentos iri*, em vez de *detentum iri*). Sem deixar de ser elegante e mostrar certa erudição, o filósofo está mais preocupado em expressar-se de maneira precisa do que com a imitação da linguagem de um Cícero (ainda que alguns períodos longos e complexos lembrem os discursos do orador romano). Para Bacon, o latim era uma língua universal e, por assim dizer, um meio mais duradouro do que o inglês. Daí ter utilizado o idioma clássico na maior parte de seus trabalhos e providenciado a tradução para o latim de alguns daqueles originalmente escritos em vernáculo.

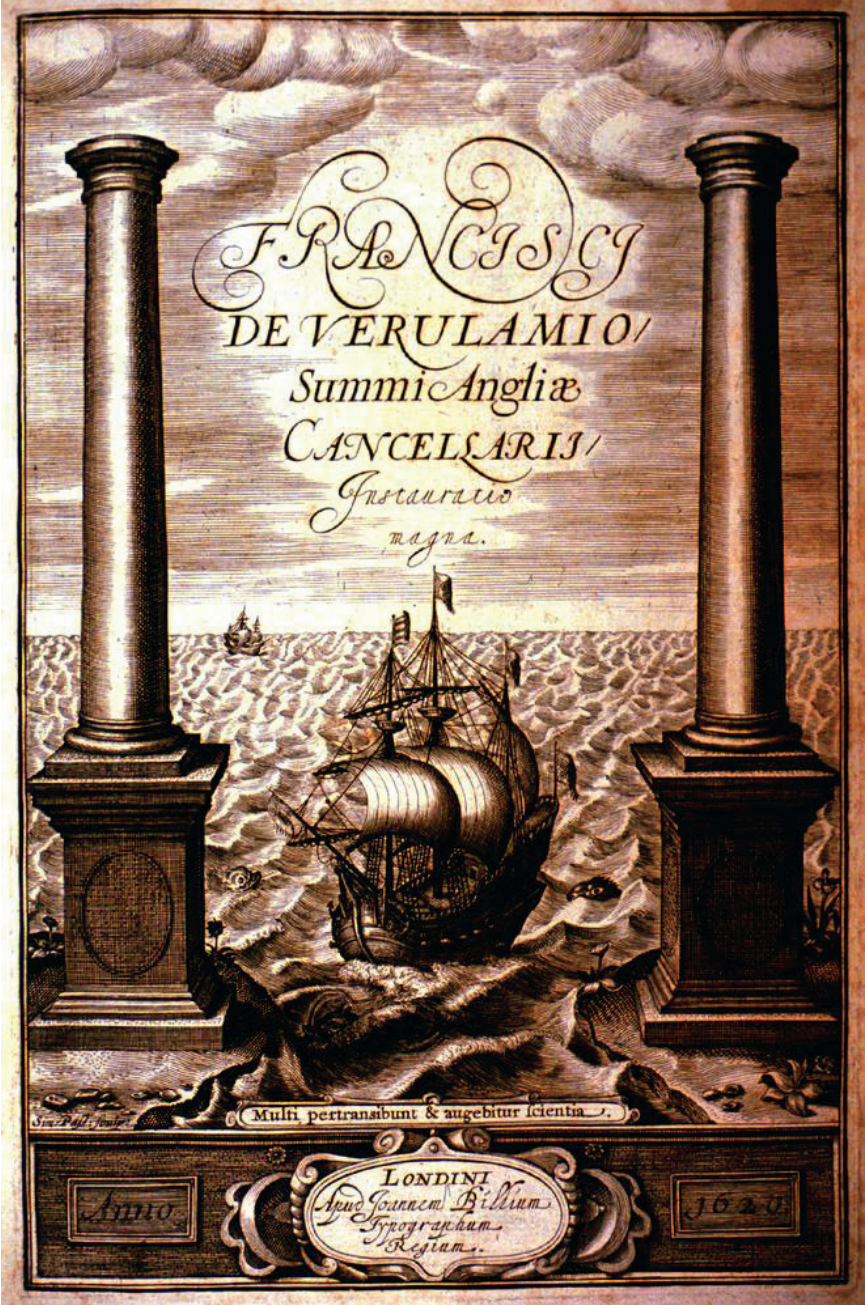
Algumas observações de editoração se fazem necessárias. Às vezes não ficam muito claros os critérios que o autor utiliza para definir o uso do itálico e de iniciais maiúsculas e minúsculas em seu texto. Por isso, utilizamos iniciais maiúsculas apenas quando estas encontram justificativa na prática de hoje e mantivemos os itálicos somente onde uma ênfase especial parecia necessária. Também tomamos diversas liberdades quanto à paragrafação e à pontuação, sempre com a finalidade de tornar o texto mais claro e um pouco mais próximo do uso do português contemporâneo.

Deixamos aqui registrados nossos agradecimentos às pessoas que nos ajudaram neste projeto, em especial a Marzia (*in memoriam*) e Andrea Vicentini e a Pedro A. Figueira, que leram a tradução dos textos introdutórios de *A grande restauração* em sua primeira fase e fizeram inúmeras sugestões. Foi deles a ideia inicial de traduzir o texto, e sempre encorajaram a continuação do trabalho. Agradecemos também a Roberto Bolzani Filho, que leu e fez sugestões à tradução de *A escada do entendimento*, e a Plínio Junqueira Smith, que fez leitura minuciosa de todos os textos e propôs importantes emendas.

Alessandro Rolim de Moura
Luiz A. A. Eva

SUMÁRIO

Francis de Verulam assim pensou...	15
Epístola dedicatória	19
Prefácio	21
Plano da obra	33
A escada do entendimento ou O fio do labirinto	47



FRANCIS BACON
DE VERULAMIO /
Summi Angliæ
CANCELLARIS /
Instauratio
magna.

Multi pertransibunt & augebitur scientia.

Anno

LONDINI
Apud Joannem Billium
Typograpum
Regium.

1620

FRANCIS DE VERULAM
ASSIM PENSOU E PRODUZIU
CONSIGO MESMO ESTA REFLEXÃO,
A QUAL JULGOU SER DO INTERESSE
DE SEUS CONTEMPORÂNEOS
E DA POSTERIDADE QUE FOSSE
DELES CONHECIDA

Sendo para ele certo que o intelecto humano criava entraves para si mesmo e não usava de modo sóbrio e conveniente seus verdadeiros recursos (os que estão sob o poder do homem); e que daí decorria uma multifacetada ignorância das coisas, e dessa ignorância inúmeros danos; ele estimou que devia ser feito um esforço conjunto, com todos os recursos, para tentar de algum modo reconstituir integralmente, ou pelo menos conduzir a um estado melhor, esse comércio entre a *mente* e as *coisas* (comércio com o qual dificilmente poderemos comparar alguma coisa sobre a terra, ou pelo menos entre as coisas terrenas). Porém, não havia já nenhuma esperança de que, a partir da própria força do intelecto ou dos auxílios e sustentáculos da Dialética, os erros se corrigissem a si próprios, erros que, uns após os outros, se firmaram e se firmarão sempre se a mente for deixada a si mesma.

Isso porque as primeiras noções das coisas, as noções que a mente, absorvendo de modo fácil e acomodado, toma, guarda e acumula (de onde decorre todo o resto), são viciadas, confusas e temerariamente abstraídas¹ das coisas; e,

¹ Latim *abstractae*. O termo poderia ser traduzido por "separadas", mas a linguagem filosófica do período parece autorizar esta tradução que fazemos, não abonada todavia

A grande restauração (Textos introdutórios)

quanto às noções segundas e as restantes, não são menores o capricho e a inconstância. Disso decorre que toda essa razão humana² de que nos utilizamos para a investigação da natureza não foi bem concatenada e construída, mas se parece a uma magnífica massa sem fundamento. Pois enquanto os homens admiram e celebram os falsos poderes da mente, deixam para trás e perdem os verdadeiros, que ela poderia exercer (se fornecêssemos à mente os recursos devidos e ela própria fosse submissa às coisas, em vez de assaltá-las de forma desmedida).

Restava então uma única coisa a fazer: retomar a empresa desde o início, e com melhores meios, para que se faça uma total *restauração* das Ciências,³ das Artes e de todo conhecimento humano, levantando-a sobre os fundamentos devidos. Embora possa parecer, à primeira vista, algo infinito e superior às forças dos mortais, isso se revelará, na prática, mais sábio e sóbrio do que as coisas que foram feitas até agora. Pois o resultado disso não será nulo, enquanto nas coisas que agora se fazem em torno das Ciências há apenas uma espécie de vertigem, uma agitação perpétua, um caminho em círculos.

E não escapa ao autor em quão grande solidão se empreende este experimento e o quanto é árduo e inconcebível para gerar credibilidade. Julgou, não obstante, que não devia se entregar nem abandonar o assunto sem que tentasse e adentrasse o único caminho que é transitável para a mente humana. Pois vale mais dar início a uma coisa que possa ter resultado do que se enredar, em perpétua luta

nos dicionários de latim clássico. Pelo menos desde Tomás de Aquino encontramos a palavra nesse sentido.

- 2 *Ratio Humana*. Convém lembrar que *ratio* pode significar igualmente “cálculo” ou “método”, havendo adiante contextos em que uma tradução assim parecerá preferível.
- 3 O termo *Scientia*, que traduziremos por “ciência”, significa, usualmente, até o período em que Bacon escreve, um conhecimento dedutivo a partir de premissas certas. Seu sentido encontra-se em um processo de transformação para o qual a própria reflexão de Bacon contribui. De todo modo, ele não deve ser tomado simplesmente como sinônimo do que hoje entendemos por ciência.

A grande restauração (Textos introdutórios)

e esforço, naquilo que não tem resultado algum. E como nos decantados caminhos da ação, também na contemplação temos quase os mesmos dois caminhos: um, de início árduo e difícil, termina num campo aberto; o outro, num primeiro olhar sem obstáculos e cômodo, conduz a locais intransitáveis e precipícios.⁴

E já que o autor não sabia ao certo quando, no futuro, essas coisas viriam à mente de alguém, e baseando-se sobretudo no fato de que não encontrou ninguém até agora que tenha aplicado o espírito a semelhantes reflexões, resolveu dar a público as primeiras coisas que foi possível completar. E essa pressa não nasceu da ambição, mas da preocupação de que, se lhe ocorresse um acidente ligado à condição humana, ficasse entretanto uma certa indicação e um planejamento das coisas que abraçou com o espírito; e para que ficasse ao mesmo tempo um sinal de sua vontade honesta e propensa a encontrar vantagens para o gênero humano. Certamente entendeu qualquer outra ambição como indigna da empresa que teve diante das mãos. Pois, ou isso de que aqui se trata não é nada, ou é tão grande que se deve contentar com seu próprio mérito, sem buscar um outro fruto.

4 Ver Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*, 287-292. A mesma imagem é utilizada em *A escada do entendimento*, p. 689, Spedding et al.

EPÍSTOLA DEDICATÓRIA

*A nosso Sereníssimo e Poderosíssimo
Príncipe e Senhor, James, pela graça de Deus,
Rei da Grã-Bretanha, da França
e da Irlanda, defensor da fé etc.*

Sereníssimo e Poderosíssimo Rei,

Talvez Vossa Majestade possa me acusar de furto, porque teria roubado de seus negócios o tempo que é exigido por este trabalho. Não sei o que dizer. Pois não há como restituir o tempo, a não ser que talvez o tempo subtraído das suas coisas possa ser repostado em memória do seu nome e em homenagem a seu século, se esta obra tiver, ao menos, algum valor. É decerto completamente nova, mesmo quanto ao próprio gênero, mas escrita segundo um modelo bastante velho, a saber, o próprio mundo e a natureza das coisas e da mente. Eu mesmo, certamente (para falar com sinceridade), costumo avaliar este trabalho mais como filho do tempo que do talento. Pois nele só uma coisa é admirável: que o seu início pudesse vir à mente de alguém e, simultaneamente, suspeitas tão grandes sobre ideias que se tornaram tão fortes. O resto se segue de bom grado. Sem dúvida existe, como se diz, um acaso e algo como que fortuito não apenas no que fazem e dizem os homens, mas também no que pensam. Este acaso de que falo, porém (se há algo de bom nas coisas que ofereço), quero que se entenda como tributável à imensa misericórdia e bondade divina e à prosperidade dos tempos de Vossa Majestade, a quem servi durante a vida com toda a paixão. E também após minha morte, talvez, terei feito

A grande restauração (Textos introdutórios)

que, com esta nova tocha acesa nas trevas da Filosofia, seu século possa brilhar para a posteridade. E é merecidamente que se atribui essa *regeneração e restauração* das Ciências aos tempos do rei mais sábio e douto de todos.

Resta uma solicitação, não indigna de Vossa Majestade, e que tem a maior relação com o assunto de que se trata. Que Vossa Majestade, que lembra Salomão em tantas coisas, pela gravidade dos juízos, pela paz em seu reino, pela generosidade de seu coração, e finalmente pela nobre variedade dos livros que compôs, também nisto siga o modelo daquele mesmo rei: que cuide para que se recolha e se complete uma História Natural e Experimental verdadeira e rigorosa (deixando de lado a Filologia), organizada com o propósito de fundamentar a Filosofia, e finalmente que seja tal como a descreveremos no momento oportuno; para que, enfim, depois de tantas idades do mundo, a Filosofia e as Ciências não sejam mais instáveis e aéreas, mas se firmem sobre os fundamentos sólidos de uma experiência variada e bem ponderada. De minha parte, forneci o *Organum*, mas a matéria deve ser buscada nas próprias coisas. Que Deus Ótimo Máximo⁵ conserve incólume a Vossa Majestade.

O mui obediente e devotado servo de
Vossa Sereníssima Majestade,

Francis Bacon,
Chanceler.

5 *Optimus Maximus* é um dos epítetos de Júpiter. Não é incomum encontrá-lo aplicado ao deus cristão.

PREFÁCIO⁶

*Sobre o estado das Ciências; por que não é próspero
nem teve seus limites expandidos; por que é necessário abrir
ao intelecto humano um caminho totalmente diferente
do que era conhecido pelos nossos predecessores,
e outros recursos a serem reunidos, para que a mente
possa usar de seu direito sobre a natureza das coisas.*

Os homens, parece-nos, não conhecem bem seus próprios meios e forças, mas a estas subestimam, àqueles estimam mais do que o conveniente. Assim ocorre que, de um lado, valorizando excessivamente as Artes em voga, não buscam nada de maior; ou, desprezando a si mesmos mais do que seria justo, consomem suas forças em atividades frívolas e não procuram experimentar no que diz respeito à parte principal das coisas. Daí as Ciências serem limitadas por colunas como que determinadas pelo destino,⁷ já que os homens não são estimulados nem pelo desejo nem pela esperança de penetrar mais além.

-
- 6 Este é o prefácio do conjunto de textos que, segundo o plano de Francis Bacon, deveriam compor *A grande restauração*. O título original *Instauratio magna*, que Bacon planejava dar a esse grande conjunto de textos, entre os quais se inclui o *Novum organum* (ver infra o “Plano da obra”), merece um comentário. *Instauratio*, não obstante a ausência do prefixo *re-*, significa “reconstrução”, “renovação”, “retomada”, e era o termo que os antigos romanos usavam para o reinício *da capo* de uma cerimônia religiosa no caso de ela ter sido interrompida por causa de um erro no ritual. Em Spedding, Ellis e Heath, usa-se *instauration* no título, embora logo depois, no corpo do texto, apareça *restoration*. O mesmo procedimento é seguido na edição de Rossi: *instaurazione* no título e, um pouco abaixo, *restaurazione*. Já Rees e Wakely mantêm *instauration* em ambos os casos, enquanto Malherbe e Pousseur optam por *restoration* tanto no título quanto depois. Pareceu-nos que esta última era a melhor alternativa, já que a ideia de Bacon, como ele próprio sugere em diversas passagens, é mesmo a de uma restauração.
- 7 Bacon refere-se às chamadas “Colunas de Hércules”, nome pelo qual era conhecido na Antiguidade o Estreito de Gibraltar, tido por muito tempo como limite do mundo ocidental. Na edição de 1620 do *Novum organum*, o frontispício traz a gravura de um navio prestes a ultrapassar enormes colunas, sob as quais se lê *Multi pertransibunt & augebitur scientia*, “Muitos passarão além e a ciência aumentará” (ver p. 13).

A grande restauração (Textos introdutórios)

E como a crença de que existe abundância está entre as maiores causas da pobreza, e pela confiança no presente negligenciam-se recursos verdadeiros para o futuro, é útil, e absolutamente necessário, que, ainda no próprio limiar de nossa obra (e isso sem dissimulação e deixados de lado os circunlóquios), seja eliminado o excesso de honrarias e de admiração para com as coisas que foram descobertas até agora. É uma advertência proveitosa para que os homens não exagerem ou comemorem a abundância ou a utilidade desses conhecimentos. Pois se alguém inspecionar mais cuidadosamente toda aquela variedade de livros com a qual exultam as Artes e Ciências, encontrará em toda parte infinitas repetições que se colocam na frente da descoberta, repetições distintas entre si apenas pela maneira de tratar o assunto. De modo que, feito o exame, aquilo que à primeira vista é abundante descobre-se ser muito pouco.

E, quanto à utilidade, deve ser dito abertamente que essa sabedoria que haurimos principalmente dos gregos parece ser algo como uma infância da Ciência, e tem o que é próprio das crianças, de tal modo que está pronta a tagarelar, mas é imatura e incapaz de criar. Com efeito, é fértil em controvérsias, mas estéril em realizações. A tal ponto que aquela fábula sobre Cila parece quadrar vivamente ao estado das letras, tal como se encontra. Essa personagem tinha um aspecto e um vulto de donzela, mas ao ventre rodeavam, a ele colados, monstros ladradores. Assim estão também as Ciências: a elas costumamos algumas generalidades agradáveis e brilhantes, mas, quando chegamos às coisas particulares,⁸ às partes produtivas, por assim dizer, que dariam à luz frutos e obras, então nascem os debates e as disputas cheias de balbúrdia em que terminam e que tomam o lugar do parto.

Além disso, se as Ciências desse tipo não fossem claramente uma coisa morta, parece que de forma alguma teria acontecido o que já por muitos séculos estamos acostumados a ver: que as Ciências, imóveis, estejam como que presas a suas pegadas, e não obtenham melhorias dignas do gênero

8 *Latim particularia.*

A grande restauração (Textos introdutórios)

humano. A ponto que frequentemente não apenas a afirmação permanece afirmação, mas também a pergunta permanece pergunta, e por meio de tantas disputas não se resolve, mas, ao contrário, se fixa e se fortalece, e toda a tradição e sucessão das disciplinas representa e exhibe os papéis do mestre e de seu ouvinte, não do descobridor e daquele que acrescenta às descobertas algo notável.

Vemos, contudo, que ocorre o contrário nas Artes Mecânicas, as quais, como se participassem de um certo sopro vital, crescem e se aperfeiçoam todos os dias, e se, em sua maioria, aparecem rudes nos primeiros autores, e geralmente pesadas e informes, depois adquirem novas virtudes e uma certa conveniência, num tal grau que os esforços e paixões dos homens se esgotam e mudam antes que essas artes cheguem ao ápice e à perfeição. Ao contrário, a Filosofia e as Ciências Intelectuais, como estátuas, são adoradas e celebradas, mas não desenvolvidas. Não raro chegam mesmo ao máximo da vitalidade no primeiro autor, e em seguida degeneram. Pois depois que os homens, todos juntos, se rendem e submetem à decisão de um só (como senadores sem voto), não ampliam as próprias Ciências, mas se dedicam ao ofício servil de enfeitar e inflar certos autores.

E que ninguém venha com aquela alegação de que as Ciências, crescendo paulatinamente, chegaram enfim a um certo estado e somente então (como que completado o seu percurso legítimo) estabeleceram suas sedes fixas nas obras de poucos, de modo que, não se podendo descobrir depois disso nada melhor, restaria, é claro, enfeitar e cultivar as coisas já descobertas. De fato seria até desejável que assim fosse. Mas é mais correto e verdadeiro o seguinte: que esse escravizamento das Ciências nada mais é do que coisa nascida da prepotência de uns poucos homens e da inércia e desleixo dos demais. Pois depois de as Ciências terem sido, talvez, cultivadas e tratadas diligentemente e por partes, então por acaso surgiu alguém, audaz por seu talento,⁹ aceito e celebrado por causa de seus compêndios de Método, que constituiu algo com a aparência de uma

9 Provavelmente trata-se de alusão a Aristóteles. A tradução "talento" corresponde ao latim *ingenium*.

A grande restauração (Textos introdutórios)

Arte, mas na verdade corrompeu os trabalhos dos antigos. Esse tipo de trabalho, entretanto, costuma ser agradável à posteridade, por causa do uso prático da obra e por impaciência e aversão por uma nova pesquisa.

Mas se alguém é conduzido pelo consenso já arraigado, como se este fosse o julgamento do tempo, saiba que está se apoiando num método¹⁰ bastante falaz e sem firmeza. Pois desconhecemos grande parte do que, no domínio das Ciências e das Artes, foi difundido e publicado nos vários séculos e lugares, e ainda mais o que cada um tentou e pensou privadamente. Assim, nem os partos nem os abortos do tempo constam nos fastos. Além disso, não se deve atribuir muito valor ao próprio consenso e a sua longa duração. Com efeito, por mais variados que sejam os tipos de governo no campo da política, é um só o estado das Ciências, e ele sempre foi e permanecerá popular. E entre o povo têm muita força doutrinas opiniáticas e polêmicas, ou então brilhantes e vazias, doutrinas tais que, visivelmente, ou enredam, ou afagam o assentimento. Assim, sem dúvida, os maiores talentos, em todas as épocas, sofreram violências; a tal ponto que homens de compreensão e intelecto invulgares, mesmo assim olhando por sua reputação, se submeteram ao julgamento das multidões e do tempo. Por isso, contemplações mais altas, se acaso em algum momento brilharam, foram em seguida abaladas e extintas pelos ventos das opiniões vulgares. A tal ponto que o tempo, como um rio, arrastou para nós as coisas leves e infladas, e submergiu as sólidas e de peso.

Mais do que isso: também aqueles autores que se lançaram a uma espécie de ditadura nas Ciências e se pronunciam com tão grande segurança sobre as coisas, quando, entretanto, nos intervalos, recolhem-se a si mesmos, entregam-se a lamentos pelo caráter sutil da natureza, os recessos da verdade, a obscuridade das coisas, o entrelaçamento das causas e a fraqueza do engenho humano. Nisso, entretanto, não são em nada mais razoáveis, já que preferem dar como pretexto a condição comum da humanidade e da natureza a confessar suas próprias limitações.

10 *Latim ratione.*

A grande restauração (Textos introdutórios)

Ademais, para eles isso é quase um ritual religioso, cujo objetivo é afirmar que tudo aquilo que uma determinada arte não atinge é impossível segundo essa mesma arte. Mas não se pode condenar uma arte quando ela própria, ao ser julgada, desempenha simultaneamente os papéis do promotor e do juiz. Assim ocorre que também a ignomínia absolve a ignorância.

As coisas em voga legadas pela tradição se apresentam geralmente desta forma: estereis em obras, cheias de questões; lentas e enfraquecidas por causa de sua extensão; simulando, no todo, perfeição, mas incompletas nas partes; populares, contudo, devido a certas escolhas, mas suspeitas para os próprios autores, e por isso protegidas e exibidas com alguns artificios. Aqueles que, contudo, decidiram eles próprios experimentar, dedicar-se às Ciências e expandir seus limites, não ousaram renunciar completamente aos conhecimentos em voga, nem buscar as fontes das coisas. Mas julgam ter alcançado algo de grande se alguma coisa de próprio inserem e acrescentam, refletindo prudentemente consigo mesmos que podem preservar a modéstia concordando com a tradição e preservar sua liberdade acrescentando algo. Mas enquanto se dá atenção às opiniões e aos costumes, esse louvado meio-termo caminha na direção de um grande prejuízo das Ciências. Pois é difícil simultaneamente admirar e superar um autor. Tudo se dá à maneira das águas, que não sobem mais alto do que de onde desceram. Desse modo, esses homens corrigem algumas coisas, mas pouco as fazem evoluir; melhoram-nas, mas não as aumentam.

Não faltaram, entretanto, os que, com maior ousadia, tomaram para si todas as coisas, em sua completude, e derrubando e destruindo as anteriores, pelo ímpeto do engenho, abriram passagem para si e para os seus próprios preceitos. Com o tumulto ocasionado por estes não se evoluiu muito, já que lutaram não para ampliar a Filosofia e as Artes por fatos e obras, mas apenas para mudar os preceitos e transferir para si mesmos o império das opiniões; e com resultado bem exíguo, já que entre erros opostos as causas de erro são aproximadamente as mesmas.

Se houve aqueles que não se submeteram aos preceitos alheios, nem aos seus próprios, mas, favorecendo

A grande restauração (Textos introdutórios)

a liberdade, tiveram ânimo para desejar que outros pesquisassem ao mesmo tempo, em sua companhia, esses homens realmente tiveram um sentimento honesto, mas seu empreendimento não teve força. Pois parecem ter seguido apenas raciocínios prováveis; são levados pela vertigem dos argumentos, e afrouxaram o rigor da investigação pela licenciosidade indistinta do pesquisar.¹¹ Não se encontra ninguém, contudo, que se tenha demorado o tempo necessário nas próprias coisas e na experiência. Há, ainda, alguns que se lançaram às ondas da experiência e se tornaram como que adeptos das Artes Mecânicas. Entretanto, na própria experiência exercem uma espécie de investigação errática, e não militam por ela com uma regra precisa. Há mais: a maior parte se propôs pequenas tarefas, considerando um grande feito poder desenterrar uma única descoberta, com um plano não menos humilde do que inábil. Pois ninguém perscruta de modo correto e fértil a natureza de alguma coisa apenas na própria coisa; o bom pesquisador, mesmo após uma laboriosa variedade de experimentos, não se permite descanso, mas sempre encontra o que procurar mais além.

E não se deve omitir, sobretudo, que toda a diligência na experimentação procurou alcançar, com esforço precipitado e intempestivo, logo desde o início, certas obras predeterminadas. Esses trabalhos procuraram, eu diria, os experimentos frutíferos, não os lucíferos, e não imitaram a ordem divina, que, no primeiro dia, criou apenas a luz e a ela um dia inteiro atribuiu, sem produzir naquele dia uma obra material, passando a isso apenas nos dias seguintes.

Com relação aos que atribuíram os mais altos papéis à Dialética e a partir daí pensaram reunir os mais fiéis guardiões para a Ciência, viram do melhor e mais verdadeiro modo que o intelecto humano deixado a si mesmo devia ser visto com merecida suspeita. Mas tal remédio é bem menos forte do que o mal e nem está, ele próprio, isento do mal. De fato, a Dialética hoje usada se adapta do modo mais apropriado às atividades civis e às Artes que estão apoiadas no discurso e na opinião. Ela não alcança, entretanto, o caráter sutil da natureza, errando o alvo por uma

11 Observar semelhança entre esta passagem e o trecho de *A escada do entendimento* que também versa sobre uma *promiscua quaerendi licentia* (p. 687-688, Spedding et al.).

A grande restauração

(Textos introdutórios)

grande distância, e, esforçando-se para apanhar o que não compreende, valeu mais para fortalecer e, de algum modo, fixar os erros do que para abrir o caminho até a verdade.

Por isso, para resumir o que foi dito, nem a confiança nos outros, nem o seu próprio esforço, parece ter, até o momento, trazido luz aos homens no campo das Ciências, principalmente porque as demonstrações e experimentos até aqui conhecidos são de pouco auxílio. Com sua estrutura, o edifício deste universo, para o intelecto humano que o contempla, é equivalente a um labirinto. E nele se mostram, em todas as direções, tantas incertezas de caminhos, semelhanças tão falazes de coisas e sinais, tão oblíquas e entrelaçadas espirais e nós das naturezas! Deve-se percorrer um caminho pelas florestas da experiência e das coisas particulares sob a luz incerta dos sentidos, luz que às vezes brilha, às vezes se esconde. E, como já foi dito, até mesmo os guias que se oferecem para o caminho, também eles se embaraçam e aumentam o número de erros e de pessoas que erram. Em circunstâncias tão difíceis, deve-se perder a esperança no juízo dos homens se ele se sustenta apenas em sua própria força, deve-se perder a esperança no sucesso fortuito. Pois nem a excelência dos talentos, por maior que fosse, nem a repetição fortuita de experimentos, conseguiria vencer as dificuldades. Os passos devem ser regidos por um fio,¹² e todo o caminho, desde as primeiras percepções dos sentidos, deve ser guiado por um método definido.

E essas coisas não devem ser tomadas como se nada em absoluto tivesse sido realizado em tantos séculos e com tão grandes trabalhos. Nem nos envergonhamos do que foi descoberto no passado. Certamente os antigos se mostraram homens admiráveis no campo da inteligência¹³ e da meditação abstrata. Nos primeiros séculos, quando os homens dirigiam o curso da navegação apenas pela observação das estrelas, puderam de fato percorrer as praias do Velho Continente, ou atravessar alguns mares menores e o Mediterrâneo. Antes, contudo, que se atravessasse o

12 A imagem é a do fio de Ariadne, a filha de Minos. Apaixonada por Teseu, deu ao herói um novelo de linha com o qual ele conseguiu se orientar no interior do Labirinto. É uma das imagens centrais de *A escada do entendimento*.

13 Latim *ingenio*.

A grande restauração (Textos introdutórios)

Oceano e se descobrissem as regiões do Novo Mundo, foi necessário que se conhecesse a utilidade da bússola como um guia mais fiel e mais seguro. Do mesmo modo, o que até agora se descobriu nas Artes e Ciências foi o que se pôde obter pela utilidade, pela meditação, pela observação e pela argumentação, visto que essas coisas estão mais próximas dos sentidos e subordinam-se geralmente a noções comuns. Mas antes que se possam interpelar coisas mais remotas e ocultas na natureza, exige-se necessariamente que se introduzam um uso e uma aplicação melhores e mais perfeitos da mente e do intelecto humano.

Quanto a nós, tomados, é certo, de um eterno amor da verdade, entregamo-nos às incertezas, às dificuldades e à solidão dos caminhos; confiantes e apoiados na ajuda divina, defendemos nossa mente contra a violência das opiniões e, por assim dizer, contra suas tropas em formação de combate, contra nossas próprias hesitações e escrúpulos internos, contra as obscuridades e névoas das coisas e os fantasmas que voam por toda parte; para que finalmente pudessemos reunir indicações mais fiéis e seguras para os nossos contemporâneos e os pósteros. Se nisso fizemos algum progresso, de fato nenhum outro método nos abriu caminho além da verdadeira e legítima humilhação do espírito humano. Pois todos os que antes de nós se aplicaram à descoberta de artes, depois de lançarem rapidamente os olhos sobre as coisas, os exemplos e a experiência, logo em seguida, como se a descoberta nada fosse além de uma espécie de jogo do pensamento,¹⁴ de certo modo invocaram seus próprios espíritos para que lhes dessem oráculos. Mas nós, vivendo religiosa e continuamente em meio às coisas, não afastamos¹⁵ delas o intelecto mais do que o necessário para que as imagens das coisas e os cones¹⁶ (como se dá no sentido da visão) possam ser formados; donde decorre que não se deixa muito para as forças e a primazia da inteligência.¹⁷

14 Aqui seguimos a opção de Malherbe e Pousseur (*jeu de pensée*) para *excogitatio*, unindo assim as duas acepções básicas do termo no latim clássico: “ação de imaginar” e “invenção”.

15 Latim *abstrahimus*.

16 *Radii*: não “raios”, mas “cones visuais”, segundo a teoria da visão de Bernardino Telesio, adotada por Bacon (ver Spedding et al., v. 1, p. 130, n. 1).

17 Latim *Ingenii*.

A grande restauração (Textos introdutórios)

A mesma humildade que adotamos para descobrir, seguimo-la ao ensinar. Pois não tentamos impor ou conferir alguma majestade a essas nossas descobertas por meio dos triunfos das refutações, ou por apelos à Antiguidade, ou por um certo uso da autoridade, ou mesmo pelo véu da obscuridade; coisas tais não seria difícil de encontrar em quem tentasse lançar luz sobre seu próprio nome e não sobre as almas dos outros. Não fizemos nem preparamos, que se diga, nenhuma violência ou armadilha para o juízo dos homens; nós os conduzimos, isto sim, às próprias coisas e aos laços das coisas, para que eles próprios vejam o que possuem, o que podem questionar, o que podem acrescentar e trazer ao patrimônio comum. Se, contudo, acreditamos em alguma coisa indevidamente, ou, cochilando, demos a algo menor atenção, ou erramos no caminho e interrompemos a investigação, de todo modo expomos as coisas de modo aberto e explícito, para que nossos erros, antes que fiquem mais profundamente impregnados na massa da Ciência, possam ser notados e postos de lado, e também para que seja fácil e sem embaraço a continuação de nossos trabalhos. Desse modo pensamos ter firmado para sempre um casamento verdadeiro e legítimo entre a faculdade racional e a empírica (entre as quais houve lento e funesto divórcio e separação, que confundiram todas as coisas na família humana).

Por isso, já que essas coisas não dependem de nossa vontade, no princípio desta obra fazemos as preces mais humildes e ardentes a Deus Pai, Deus Verbo e Deus Espírito, para que se lembrem das misérias do gênero humano e da peregrinação desta vida, na qual gastamos nossos poucos e maus dias, e dignem-se, pelas nossas mãos, a dar à família humana novos benefícios.¹⁸ Também rogamos, suplicando, que as coisas humanas não estorvem as divinas e que não nasça em nossas almas uma espécie de incredulidade e de noite em face dos mistérios divinos por causa da abertura das vias dos sentidos¹⁹ e de um maior

18 O latim traz *Eleemosynis*, isto é, "esmolas". Trata-se de empréstimo do grego *eleemosyne*, "piedade", "misericórdia", "mercê", "caridade", "esmola".

19 Latim *sensus*.

A grande restauração (Textos introdutórios)

ardor da luz natural;²⁰ mas antes, a partir do intelecto puro, purgado de fantasmas e de vaidade, e todavia posto sob os oráculos divinos e mesmo a eles submetido, que se dê à fé o que é da fé. Por fim, purgado o veneno da Ciência inoculado pela serpente, veneno com o qual o espírito humano fica intumescido e inflado, não procuremos saber nem demasiado a fundo²¹ nem o que ultrapassa o sóbrio, mas cultivemos a verdade na caridade.

Completados, então, os votos, voltemo-nos aos homens: temos alguns conselhos salutares a dar e pedidos justos a fazer. Primeiro aconselhamos (o que já pedimos em oração) que os homens contenham a percepção²² diante dos deveres para com as coisas divinas. Pois a percepção, tal como o sol, ilumina a face do globo terrestre, mas fecha e lacra a face do celestial. Por outro lado, ao fugir desse mal, que não pequem fazendo o contrário, o que certamente ocorrerá se julgam que alguma parte da investigação da natureza está separada por uma espécie de proibição. Pois quem deu início ou ocasião à queda não foi aquela pura e imaculada Ciência natural pela qual Adão impôs nomes às coisas, segundo suas propriedades, mas foi aquela lascívia ambiciosa e autoritária da Ciência moral, ao julgar sobre o bem e o mal, foi ela justamente o motivo e o modo da tentação, a ponto de fazer que o homem se afastasse de Deus e desse leis a si mesmo. Sobre as Ciências que contemplam a natureza, contudo, aquele famoso santo filósofo afirma: “A glória de Deus é esconder as coisas; a do rei, contudo, é descobri-las.”²³ Como se a natureza divina se deleitasse com um inocente e benévolo jogo de crianças, que se escondem para que sejam encontradas, e como se tivesse escolhido a alma

20 A noção de “luz natural” se tornará central no pensamento cartesiano, indicando a capacidade intuitiva do intelecto de perceber verdades, e já aparece num sentido similar em Pierre de la Ramée (Petrus Ramus), em sua *Dialectique* (1555).

21 O original diz *nec altum sapiamus*, “nem saibamos profundamente”. Ver *Novum organum*, livro 1, aforismos 1 a 4.

22 Latim *sensum*. Embora a palavra latina tenha o significado básico de “sentido”, “faculdade de sentir” (e assim a tenhamos traduzido anteriormente), parece-nos que aqui Bacon contempla também as outras acepções do termo, que incluem “inteligência” e “pensamento”. Com efeito, Bacon aponta aqui para um uso dos sentidos guiado pela razão tal como concebida em seu método. Por isso, preferimos nesta passagem um termo um pouco mais amplo (“percepção”).

23 *Provérbios*, 25.2.

A grande restauração (Textos introdutórios)

humana como sua companheira nesse jogo, por causa de sua indulgência e bondade para com os homens. Por último, queremos que todos no mundo sejam aconselhados a refletir sobre os verdadeiros fins da Ciência e não a procurem para o prazer do espírito, para disputas, para desdenhar os outros, para o lucro, a fama ou o poder, ou outras coisas inferiores; mas para o proveito e a utilidade para a vida; e realizem-na e conduzam-na dentro dos limites da caridade. Pois anjos caíram por causa do apetite de poder, e os homens, por causa do apetite da Ciência; mas não há excesso de caridade, nem anjo ou homem alguma vez se envolveu em perigo por causa dela.

Passemos agora aos pedidos a que nos referimos. Sobre nós mesmos silenciamos, mas, sobre o assunto desta obra, pedimos que os homens não pensem que se trata de uma opinião, e sim de um trabalho; e que tenham por certo que se constroem aqui os fundamentos não de alguma seita ou de uma doutrina, mas do útil e da grandeza para os humanos. Em seguida, pedimos que eles, com a benevolência provinda das vantagens que daí obtêm, despídos tanto dos zelos da opinião quanto dos preconceitos, deliberem pelo bem comum e, libertados dos desvios e obstáculos dos caminhos, munidos de nossos auxílios e recursos, que eles próprios venham se dedicar a uma parte dos trabalhos restantes. Além disso, que tenham esperança, e não imaginem e concebam no espírito a nossa *Restauração* como algo infinito e superior às capacidades dos mortais, embora na verdade represente o limite e o término legítimo de um erro infinito. Que não nos esqueçamos, contudo, de que somos mortais e humanos, nem acreditemos que a coisa pode realizar-se completamente no decurso de uma só vida, mas que a destinemos a nossos sucessores. Finalmente, não procuremos as Ciências por meio da arrogância, nas pequenas celas do engenho humano, mas, humildemente, no mundo, que é maior. Mas as coisas sem consistência, em geral, costumam ser vastas, desertas,²⁴

24 No original, *vastus*, termo de grande riqueza semântica em latim, que implica não apenas “vasto”, “imenso”, “espaçoso”, mas também “deserto”, “desolado”, “desmedido”, “monstruoso”, “horível”. Elabora-se aqui de outra forma a série de antíteses baseadas na oposição “finito” versus “infinito” das frases anteriores. Bacon, ao se referir à contração dos sólidos, pode estar aludindo a uma investigação controlada da natureza, ou a pequenos passos que sejam decisivos nesse processo.

A grande restauração

(Textos introdutórios)

enquanto as sólidas se contraem ao máximo, ocupando um pequeno espaço.

Por último (a fim de que ninguém acaso queira ser injusto conosco, colocando em perigo a própria obra), ainda parece que se deve pedir que os homens vejam, partindo do que nós devemos afirmar aqui (se pelo menos queremos ser coerentes), em que medida julgam ter o direito de dar um veredicto e opinar sobre nosso trabalho, já que rejeitamos toda essa razão humana prematura, antecipadora, afastada das coisas de modo temerário e mais rápido do que convém (quanto à investigação da natureza), como a uma coisa heterogênea, confusa e mal construída. E não se deve exigir que alguém se atenha ao juízo daquela que é chamada, ela própria, a julgamento.

PLANO DA OBRA

Organizada em seis partes.

PRIMEIRA: *Partições das Ciências.*

SEGUNDA: *Novum organum* ou *Indicações acerca da interpretação da natureza.*

TERCEIRA: *Fenômenos do universo* ou *História natural e experimental para fundamentar a Filosofia.*

QUARTA: *A escada do entendimento.*

QUINTA: *Precursores* ou *Antecipações da Filosofia Segunda.*

SEXTA: *Filosofia Segunda* ou *Ciência Ativa.*

Conteúdos de cada uma

É parte de nosso projeto expor tudo de modo aberto e claro, tanto quanto for possível. Pois a nudez da alma, como outrora a do corpo, é companheira da inocência e da simplicidade. Que se exponha assim, primeiramente, a ordenação da obra e o seu método. A obra foi organizada por nós em seis partes.

A primeira parte traz o resumo ou a descrição geral da Ciência ou doutrina que o gênero humano possui até aqui. Pareceu-nos de fato conveniente nos demorarmos um pouco também naquilo que está em voga, já que a nossa intenção, em nada surpreendente, é dar acesso mais fácil às coisas novas e aperfeiçoar as antigas. Pois temos quase a mesma dedicação à melhora das coisas antigas e à compreensão das que estão além. E isso

A grande restauração (Textos introdutórios)

também tem a ver com a persuasão, de acordo com aquele princípio: “O ignorante não aceita as palavras da Ciência se antes não tiveres dito aquelas que o coração dele habitam.” Assim, não deixamos de percorrer as praias das Ciências e Artes em voga, nem, como que ao longo do caminho, de trazer para elas algo de útil.

Entretanto, as partições aqui traçadas para as Ciências não somente abarcam o já descoberto e conhecido, mas também acrescentam o que até agora foi omitido e deve ser estudado, pois igualmente se encontram na esfera intelectual, tal como na terrestre, partes cultivadas e partes desertas. Assim, não deve parecer nada admirável se às vezes nos afastamos das divisões usuais. Pois o acréscimo, ao modificar o todo, modifica também necessariamente as partes e suas seções, e as divisões em voga só são admissíveis no conjunto das Ciências tal como é agora.

Acerca, porém, daquelas coisas que assinalarmos como omitidas, não procederemos de modo a apenas propor títulos fáceis e conteúdos resumidos para as investigações desejadas. Pois se entre as coisas omitidas colocarmos algo cuja razão pareça um pouco mais obscura (a ponto de podermos merecidamente suspeitar que os homens não compreenderão com facilidade o que queremos ou qual seja o trabalho que temos em mente), será para nós motivo de preocupação constante (contanto que seja um assunto digno) expor os preceitos para se levar a cabo uma tal obra, ou ainda incluir uma parte que já terminamos como amostra do todo, para ajudar em cada uma das coisas com conselhos ou com realizações. E na verdade achamos que isso diz respeito também a nossa reputação, e não apenas à utilidade para os outros; para que ninguém pense que nossa mente apenas tocou de passagem alguma noção leviana a respeito de coisas desse gênero, e que o que queremos e buscamos com esforço se assemelha a simples promessas. Mas nossos desejos são tais que está perfeitamente em poder dos homens realizá-los (se não falharem consigo mesmos), e para isso dispomos de um método, definido e explicado. Pois não nos propusemos a medir regiões com o espírito, como os áugures, com o fim de tomar auspícios, mas a entrar nelas como guias, com

A grande restauração (Textos introdutórios)

a intenção de prestar serviços. E esta é a primeira parte da obra.

Depois, tendo navegado ao longo das Artes antigas, instruiremos o intelecto humano para fazer a travessia. Destina-se assim a parte segunda à doutrina sobre um melhor e mais perfeito uso da razão na investigação das coisas e sobre os verdadeiros auxílios²⁵ do intelecto, para que por meio disso (tanto quanto suporta nossa condição humana e mortal) o intelecto se eleve e amplie a sua capacidade para superar as coisas difíceis e obscuras da natureza. Essa arte (costumamos chamá-la *Interpretação da natureza*) que introduzimos é da família da Lógica, embora grande distância, ou até mesmo um espaço imenso, separe uma coisa da outra. Pois aquela mesma Lógica vulgar declara construir e preparar auxílios e defesas para o intelecto, e só nisso concordam. A nossa difere de todo da vulgar principalmente em três coisas, a saber: no próprio fim, na ordem da demonstração e no ponto de partida da investigação.

Porque esta nossa Ciência se propõe o fim de encontrar não argumentos, mas Artes; não coisas conformes aos princípios, mas os próprios princípios; não raciocínios prováveis, mas sinalizações e indicações para obras. Assim, de uma intenção diversa se segue um efeito diverso, pois ali se vence e se aprisiona, por meio de uma disputa, um adversário, e aqui, por meio de uma obra, a natureza.

E com tal fim concordam a natureza e a ordem das próprias demonstrações. Pois na Lógica vulgar quase todo o trabalho se consome em torno do silogismo. Parece-me, contudo, que os dialéticos quase não refletiram seriamente sobre a indução, passando por ela com uma rápida menção e se apressando em direção às fórmulas de disputa. Mas nós rejeitamos a demonstração pelo silogismo, porque procede de modo muito confuso e afasta a natureza do alcance das mãos. Todavia, com efeito ninguém pode duvidar de que as coisas que concordam no termo médio também concordam entre si (o que é de uma certa precisão matemática); não obstante subjaz aí uma fraude, porque o silogismo é formado

²⁵ Com o termo *auxilia*, Bacon não se refere aos recursos ou faculdades já pertencentes ao intelecto, mas designa de maneira preliminar a dimensão positiva do método exposto no *Novum organum*.

A grande restauração (Textos introdutórios)

de proposições, as proposições de palavras, e as palavras são sinais e senhas para as noções. Assim, se as próprias noções da mente (que são como que a alma das palavras e a base de toda construção e fabricação desse gênero) tiverem sido imprópria e temerariamente abstraídas das coisas, forem vagas, insuficientemente definidas e circunscritas, e finalmente viciadas de muitos modos, então tudo cai por terra. Rejeitamos, portanto, o silogismo; e isso não apenas quanto aos princípios (aos quais nem mesmo os dialéticos aplicam a demonstração), mas também quanto às proposições médias, as quais o silogismo, de qualquer modo, realmente cria e dá à luz, mas são estéreis quanto a obras e afastadas da prática, além de totalmente incompetentes no que diz respeito à parte ativa das Ciências. Embora, portanto, deixemos ao silogismo e às famosas e jactanciosas demonstrações dessa natureza a jurisdição sobre as Artes mais afeitas ao vulgo e à opinião (pois nada queremos alterar nessa parte), para a natureza das coisas, entretanto, usamos em tudo a indução, tanto para as proposições menores quanto para as maiores. Pois julgamos que a indução é a forma de demonstrar que serve de guardiã aos sentidos, vence a natureza, persegue as obras e praticamente a elas se mistura.

Assim também a ordem da demonstração se inverte totalmente. Até aqui acostumamo-nos a conduzir as coisas da seguinte forma: voando dos sentidos e das coisas particulares imediatamente para as mais gerais, como que para polos fixos em volta dos quais giram as disputas. Do mais geral deriva-se o restante, pelas proposições médias; caminho certamente mais curto, mas precipitado e, em direção à natureza, intransitável, embora adequado e inclinado às disputas. Mas, em nossa maneira de proceder, os axiomas são produzidos gradativamente e num contínuo, de modo que não cheguem às coisas mais gerais senão em último lugar: assim esses princípios mais gerais tornam-se não nocionais,²⁶ mas bem definidos, e tais que

26 O adjetivo *notionalis* é usado por Bacon nesta e em mais duas passagens de sua obra, sempre em sentido pejorativo e associado às ideias de definição imprecisa, opinião, ilusão ou abstração. Cf. Bacon, v. 1, p. 137, e v. 2, p. 256, Spedding et al. Logo em seguida, no nosso texto, Bacon emprega *notiora* (comparativo de *notus*, “conhecido”).

A grande restauração (Textos introdutórios)

a natureza reconhece verdadeiramente como princípios mais conhecidos e que estão colados à medula das coisas.

Mas é na própria forma da indução e no julgamento que se faz por meio dela que colocamos em movimento modificações que são de longe as maiores. Aquela forma de que falam os dialéticos, que procede por enumeração simples, é algo pueril e precário em suas conclusões, expõe-se ao perigo de uma instância contraditória e observa apenas o costumeiro, sem encontrar resultados.

Mas as Ciências precisam de uma forma de indução que explique e decomponha a experiência, e, por meio das exclusões e rejeições devidas, leve a conclusões necessárias. Se esse juízo comum dos dialéticos é tão trabalhoso e talentos tão grandes exercita, quanto mais se deve trabalhar neste outro, que se extrai não apenas dos recônditos da mente, mas também da vísceras da natureza?

O trabalho, contudo, não termina aqui. Pois também damos às Ciências fundamentos mais vigorosos e sólidos, e retomamos o início da investigação de modo mais profundo do que até agora os homens fizeram: submetemos a exame o que a Lógica vulgar aceita com uma fê imprópria. Pois os dialéticos como que tomam de empréstimo os princípios das Ciências de cada uma das Ciências particulares; depois veneram as primeiras noções da mente; por último, aquiescem às informações imediatas dos sentidos, desde que estes estejam bem dispostos. Mas nós decretamos que a Lógica deve adentrar as províncias de cada uma das Ciências com maior autoridade do que possa haver entre os princípios delas próprias, e deve forçar aqueles mesmos supostos princípios a dar seus métodos, até que fiquem absolutamente de acordo. E quanto àquilo que se relaciona com as noções primeiras do intelecto, nada há das coisas que o intelecto deixado a si mesmo reuniu que não seja suspeito para nós e de todo incerto, se não se apresentar a novo julgamento e for segundo ele sentenciado. Além disso, esquadrihamos de muitos modos as informações dos próprios sentidos. Pois os sentidos falham o tempo todo, mas também indicam seus erros. Os erros, porém, estão à mão, mas seus indícios devem ser buscados mais longe.

A grande restauração

(Textos introdutórios)

É dupla a culpa dos sentidos, pois ou nos abandonam ou nos enganam. Porque, em primeiro lugar, muitas são as coisas que fogem aos sentidos, mesmo quando corretamente dispostos e sem nenhum obstáculo; o que decorre da sutileza de um corpo em sua totalidade, da pequenez das partes, da distância do lugar, da lentidão e também da velocidade de um movimento, da familiaridade com o objeto, ou de outras causas. Ademais, mesmo quando os sentidos captam a coisa, sua apreensão não é muito firme. Pois o testemunho e as informações dos sentidos têm sempre referência ao homem, não ao universo: assim, é com grande erro que se sustenta que os sentidos são a medida das coisas.

Para socorrê-los, buscamos em toda parte e reunimos, com um trabalho árduo e fiel, os auxílios para os sentidos, para que fornecessem substitutos para as faltas e retificação para as variações. E agimos aqui menos com instrumentos do que com experimentos. Pois a sutileza dos experimentos é muito maior que a dos próprios sentidos, ainda que ajudados por instrumentos excelentes (falamos de experimentos pensados e dispostos habilmente e segundo a arte, na intenção daquilo que se busca). Assim, não atribuímos muito valor à percepção própria e imediata dos sentidos; e levamos isso a tal ponto que os sentidos julguem apenas sobre o experimento e o experimento julgue sobre a coisa. Pois pensamos que somos os rigorosos pontífices dos sentidos (que devem ser sempre o ponto de partida nas Ciências naturais, a não ser que se queira enlouquecer) e intérpretes não inábeis dos seus oráculos, de modo que, enquanto outros professam fazê-lo, somos nós que de fato parecemos defender e cultivar os sentidos.

Em suma, essas são as coisas que estamos preparando para acender e aperfeiçoar a iluminação própria da natureza; coisas que poderiam ser por si mesmas suficientes, se o intelecto humano fosse equilibrado e semelhante a uma *tabula rasa*. Mas como as mentes dos homens estão tão incrivelmente ocupadas, que falta de todo uma área sã e polida para receber os raios verdadeiros das coisas, uma espécie de necessidade nos obriga a pensar que devemos buscar remédio até para isso.

A grande restauração

(Textos introdutórios)

Ora, os ídolos que ocupam a mente são ou adquiridos ou inatos. Os adquiridos imigraram para as mentes dos homens, vindo ou das seitas e preceitos dos filósofos ou das perversas leis das demonstrações. Os inatos, por outro lado, estão presos à natureza do próprio intelecto, que sabemos ser muito mais inclinado aos erros do que os sentidos. Por mais que os homens agradem a si mesmos e caiam na admiração e quase na adoração da mente humana, uma coisa é a mais certa: tal como um espelho que não é plano muda os raios das coisas segundo sua própria forma e seção, assim também a mente, quando é afetada pelas coisas por meio dos sentidos, sem muita fidelidade mistura e insere sua própria natureza na natureza das coisas, na tentativa de tornar fáceis e inventar suas noções.

Mas se os dois primeiros tipos de ídolos²⁷ podem ser extirpados, ainda que com dificuldade, estes últimos, porém, de modo algum eliminaremos. Tudo o que podemos fazer é indicá-los e fazer que essa força insidiosa da mente seja assinalada e demonstrada, para que, a partir da destruição dos velhos, não emerjam em consequência novos brotos de erros da própria má compleição da mente, e a coisa retroceda a tal ponto que os erros não sejam extintos, mas somente mudem. E que seja enfim determinado e fixado para sempre o seguinte: o intelecto não pode julgar senão pela indução e por sua forma legítima. Assim, essa doutrina da purificação do intelecto, para que ele seja habilitado à verdade, resolve-se em três refutações: a refutação das filosofias, a refutação das demonstrações e a refutação da razão humana inata.

Explicadas essas coisas, e depois que se mostrar claramente o que decorre da natureza das coisas e o que decorre da natureza da mente, estimamos que o leito nupcial da Mente e do Universo, tendo a bondade divina como madrinha, já terá sido arrumado e enfeitado. E o voto do epitalâmio seja que desse casamento nasçam recursos para a humanidade e uma estirpe de descobertas que ao menos em parte domem e submetam as necessidades e misérias dos homens. Esta é a segunda parte da obra.

27 Os adquiridos por meio das escolas e preceitos filosóficos e os adquiridos por demonstrações perversas.

A grande restauração (Textos introdutórios)

Mas nosso plano não é só mostrar e guarnecer os caminhos, mas também adentrá-los. Assim a terceira parte da obra abarca os *Fenômenos do Universo*; isto é, a experiência de todo tipo, e uma História Natural de um gênero que possa servir de fundamento, para dar base à Filosofia. Pois nem mesmo uma excelente via de demonstração ou forma de interpretação da natureza, capaz de defender e sustentar a mente contra o erro e a distração, poderia também mostrar e fornecer a matéria a ser conhecida. De fato, para aqueles cujo propósito seja não fazer conjecturas e adivinhações, mas descobrir e conhecer, e que não têm em mente compor macaquices e fábulas de mundos imaginários, mas sim olhar dentro da natureza deste mundo verdadeiro e como que dissecá-la, para estes tudo deve ser procurado nas próprias coisas. E para esse trabalho, essa investigação, essa perambulação mundana, não há substituição ou compensação suficiente com talento, meditação ou argumentação, nem que se unissem todos os talentos de todas as pessoas. Assim, ou de agora em diante se definem as coisas desse modo, ou o negócio deve ser abandonado para sempre. Mas até o momento os homens agiram de tal forma, que não é de se admirar que a natureza não lhes ofereça sua abundância.

Pois, em primeiro lugar, as informações dos próprios sentidos nos abandonam e enganam; a observação é sem diligência, desigual e como que fortuita; a tradição, vã e formada de rumores; a prática é voltada servilmente ao trabalho; os experimentos, cegos, estúpidos, vagos e interrompidos; finalmente, a História Natural é leviana e pobre: todas essas coisas reuniram para a Filosofia e as Ciências matéria das mais prejudiciais ao intelecto.

Depois, a sutileza e os malabarismos inconvenientes da argumentação tentam dar um remédio tardio a coisas totalmente perdidas, e não reconstituem de forma alguma o negócio, nem separam os erros. Assim, não haverá nenhuma esperança de maior desenvolvimento ou progresso, senão numa espécie de reconstrução das Ciências.

O início dessa reconstrução deve ocorrer, sem dúvida, a partir da História Natural, sendo esta já de um novo gênero e com um novo aparato. Pois seria vão polir um

A grande restauração (Textos introdutórios)

espelho se faltam imagens; e de fato não basta reunir apoios confiáveis, mas é preciso separar uma matéria adequada para o intelecto. E depois, difere a nossa História Natural (tal como a nossa Lógica) daquela que se tem hoje, e em muitas coisas: nos fins ou tarefas, na sua própria massa e acervo, em seguida na sutileza, e também nas escolhas e ordenações para o que vem a seguir.

Em primeiro lugar, propomos não tanto uma História Natural que encante com a variedade das coisas ou ajude com o fruto imediato dos experimentos, mas antes uma que espalhe luz para a descoberta das causas e ofereça o primeiro seio à Filosofia a ser alimentada. Pois embora estejamos principalmente no encalço dos trabalhos e da parte ativa das Ciências, esperamos, entretanto, o tempo da colheita, e não tentamos ceifar musgo e uma plantação cheia de ervas daninhas. Porque bem sabemos que axiomas corretamente descobertos trazem consigo toda uma tropa de obras, e oferecem obras não esparsamente, mas em blocos. Além disso, condenamos e repelimos, como o pomo que retarda a corrida de Atalanta,²⁸ aquela paixão intempestiva e pueril que procura apressadamente algumas garantias de novas obras. Tal é a tarefa da nossa História Natural.

Quanto ao acervo dos dados, porém, estamos fazendo não só uma investigação da natureza livre e solta (a saber, quando ela espontaneamente flui e completa sua obra), como é a investigação dos corpos celestes, dos fenômenos meteorológicos, da terra e do mar, dos minerais, das plantas, dos animais, mas muito mais da natureza apertada e atormentada, isto é, quando por meio da arte e do trabalho humano é retirada do seu estado, é pressionada e moldada. Assim registramos (tanto quanto pudemos pesquisar e diz respeito aos nossos fins) todos os experimentos das Artes Mecânicas, todos os da parte operativa das Artes Liberais, todos os das muito numerosas práticas que ainda não se firmaram numa arte

28 Donzela muito veloz, impunha a quem desejava se casar com ela a condição de vencê-la numa corrida (os derrotados eram mortos). Ninguém obteve sucesso até a vinda de Hipômenes (Melânion, em outra versão), o qual, jogando três maçãs de ouro na trajetória da disputa, logrou distrair a atenção de Atalanta e fazê-la perder a prova.

A grande restauração

(Textos introdutórios)

particular. E além disso (para dizer com clareza do que se trata), sem nos atrasarmos em nada com a altivez dos homens e com ornamentos, colocamos nesta parte muito mais esforço e recursos do que naquela outra,²⁹ já que a natureza das coisas se revela mais por meio das agitações impostas pela arte do que na sua liberdade própria.

E não estamos efetuando apenas uma história dos corpos, mas julgamos que além disso devemos voltar nossa diligência a fazer uma história separada das próprias virtudes das coisas (falamos daquelas que podem ser consideradas as virtudes cardinais na natureza, e nas quais se constituem de todo os primórdios da natureza, como as primeiras paixões e desejos da matéria, a saber: *denso, rarefeito, quente, frio, consistente, fluido, pesado, leve*, e muitos outros).

E realmente, para falar de sutileza, procuramos de fato um gênero de experimentos muito mais sutil e mais simples do que os que hoje se apresentam. Pois estamos retirando e arrancando das trevas coisas cuja investigação não veio à mente de ninguém, a não ser de alguém que avançasse para a descoberta das causas por um caminho definido e constante. Porque essas coisas, em si, não são de grande utilidade, de modo que fica claro que elas não são procuradas por si mesmas, mas se comportam em relação às coisas e obras como as letras do alfabeto em relação à fala e às palavras: embora por si mesmas inúteis, são elementos de toda conversa.

Na seleção dos relatos e experimentos, contudo, julgamos que tivemos maior cuidado do que os outros homens que até agora se ocuparam da História Natural. Pois recolhemos todas as coisas ou observando diretamente, com fidelidade, ou pelo menos examinando com uma severidade extrema, de forma que coisa alguma seja exagerada com o fim de gerar maravilhamento, mas o que relatamos se conserve puro e imaculado de fábulas e de vaidade. Além disso, também as jactanciosas mentiras em voga (as quais, por uma negligência admirável, prevaleceram por muitos séculos e já se arraigaram), nós,

29 Na investigação da natureza livre e solta.

A grande restauração (Textos introdutórios)

nomeando a cada uma delas, proscrevemos e condenamos, para que não mais sejam prejudiciais às Ciências. Porque com muita prudência notou alguém que as fábulas, superstições e tolices que as babás incutem nas crianças corrompem seriamente suas mentes; assim, uma mesma razão nos move a que estejamos solícitos e ansiosos desde o início, já que estamos tratando e cuidando de algo que é como a infância da Filosofia sob os cuidados da História Natural, para que não se acostume nossa criança a alguma coisa vã. E em todo experimento novo e um pouco mais sutil, ainda que seja (segundo o que nos parece) certo e comprovado, deixamos, entretanto, bem clara a modalidade de experimento que utilizamos; para que, depois de se explicitar de que modo cada detalhe foi tratado, vejam os homens que erros podem subjazer e se prender ao trabalho, e se dirijam a buscar provas mais fiéis e mais refinadas (se houver). Enfim, espalhamos por todo lugar advertências, escrúpulos e precauções, como em alguma espécie de religião, e, tal como num exorcismo, afastando e coibindo todos os fantasmas.

Por último, já que sabemos o quanto a experiência e a História Natural confundem a mente humana e quão difícil é (especialmente para os espíritos jovens ou muito ocupados) habituar-se desde o princípio com a natureza, juntamos frequentemente nossas próprias observações, enquanto primeiras mudanças e inclinações, e como que olhadelas da História Natural para a Filosofia; para que os homens também encontrem aí uma garantia de que eles não ficarão perpetuamente presos entre as ondas da História Natural, e de que, quando chegarem ao trabalho do intelecto, tudo esteja melhor disposto. Com uma História Natural desse gênero que acabamos de descrever, julgamos que se pode abrir um acesso seguro e cômodo até a natureza e se oferecer ao intelecto uma matéria sólida e preparada.

Mas depois que com os mais fiéis auxílios e recursos equipamos o intelecto, e reunimos, com uma seleção extremamente severa, o justo exército das obras divinas, parece não restar mais nada senão tratar da própria Filosofia. Num assunto tão difícil e incerto, entretanto, há algumas coisas que é preciso, parece, acrescentar de antemão; em

A grande restauração (Textos introdutórios)

parte, por uma questão didática; em parte, por uma utilidade presente.

A primeira dessas coisas é que se proponham exemplos de investigação e de descoberta segundo nosso método e caminho, exemplos tomados principalmente àqueles assuntos que são os mais nobres entre os que se pesquisam, e tanto quanto possível diferentes entre si, para que não falte exemplo de nenhum tipo. E não falamos desses exemplos que se acrescentam a cada um dos preceitos e regras, com o fim de ilustrar (pois fornecemos isso abundantemente na segunda parte da obra); mas imaginamos protótipos e representações que coloquem claramente diante dos olhos todo o processo da mente e a ordem e contínua fábrica das descobertas, em assuntos determinados, e estes variados e insígnies. Vem à nossa mente, por exemplo, nas Matemáticas, seguir uma demonstração fácil e clara tendo ao lado uma máquina. Quando se age fora disso ou contra esse procedimento cômodo, todas as coisas parecem obscuras e mais sutis do que são na realidade. Assim, dedicamos a quarta parte de nossa obra a exemplos desse gênero, o que na realidade nada mais é que a aplicação particular e explicada da segunda parte.

E a quinta parte se acrescenta apenas temporariamente, até que as outras se completem. Ela vem como os juros de um empréstimo, até que possamos receber o capital. Pois não buscamos nosso fim tão cegamente, que negligenciemos as coisas que, no caminho, se apresentarem como úteis. Por isso, a quinta parte da obra é feita das coisas por nós descobertas, provadas ou acrescentadas. E isso, entretanto, não com as contribuições dos novos métodos e preceitos de interpretação, mas com o mesmo uso do intelecto a que os outros se acostumaram nas investigações e descobertas. Assim, a partir da nossa ininterrupta convivência com a natureza, esperamos mais das nossas reflexões do que dos poderes do talento individual; mas essas primeiras descobertas poderão desempenhar a função de hospedarias colocadas no caminho, para que a mente descanse um pouco nelas em meio a sua luta em direção a coisas mais certas. Mas testemunhamos nesse ínterim que nós não queremos em absoluto ficar presos a esses locais, porque

A grande restauração (Textos introdutórios)

não foram descobertos ou provados pela verdadeira forma de interpretar. Ninguém deve, porém, aborrecer essa suspensão do juízo numa doutrina que não se limita a afirmar simplesmente que nada se pode conhecer,³⁰ mas que afirma que nada pode ser conhecido senão com uma ordem definida e um caminho definido. Enquanto isso, porém, constrói graus definidos de certeza para uso e consolação, até que a mente se firme na explicação das causas. Pois mesmo aquelas escolas de filósofos que simplesmente adotaram a acatalepsia não foram por isso inferiores a essas que se valeram da licença de sentenciar. As primeiras, contudo, não prepararam auxílios para o intelecto (o que nós fizemos), mas simplesmente destruíram toda a capacidade de persuasão e a autoridade, o que é algo bem diferente, e quase oposto.

Finalmente, a sexta parte de nossa obra (à qual as demais servem e auxiliam) lhe dá um fecho e propõe uma Filosofia conduzida e constituída a partir de uma investigação desse gênero que antes ensinamos e preparamos: legítima, pura e severa. Mas terminar e conduzir ao êxito essa última parte é coisa posta além das nossas forças e esperanças. Ainda assim, demos ao trabalho um início não desprezível (assim esperamos), e será a sorte do gênero humano quem lhe determinará o resultado, o qual talvez os homens, no atual estado das coisas e dos espíritos, não consigam captar e dimensionar facilmente. Não se trata apenas da felicidade contemplativa, mas realmente dos bens humanos e fortunas, e de todo o poder dos trabalhos. O homem, como servidor e intérprete da natureza, faz e entende apenas quanto tenha observado sobre a ordem, a obra ou a mente da natureza: mais não sabe ou não pode. Pois nenhuma força pode dissolver ou arrebentar a cadeia das causas, e a natureza não se vence senão pela obediência. Assim, essas duas intenções, a saber, o conhecimento e o poder do homem, na verdade se reúnem, e a frustração das obras se dá mais frequentemente por ignorância das causas.

30 Aqui Bacon inicia uma breve discussão sobre o ceticismo, que reencontraremos em *A escada do entendimento*.

A grande restauração (Textos introdutórios)

E nisso está tudo, se nunca afastamos das próprias coisas os olhos da mente e tomamos suas imagens tal como são. E não permita Deus que publiquemos o sonho da nossa fantasia como um modelo para a compreensão do mundo; mas antes nos ajude em sua bondade, para que escrevamos uma revelação³¹ e uma verdadeira visão dos vestígios e sinais que o criador deixou nas criaturas.

Assim Tu, Pai, que a luz visível, como primeiro fruto, deste às criaturas, e sopraste no rosto do homem, como ápice das tuas obras, a luz intelectual, protege e dirige esta obra, que partindo da tua bondade busca novamente a tua glória. Tu, depois que te voltaste para contemplar as obras que tuas mãos tinham feito, viste que todas eram muito boas, e descansaste. Mas o homem, voltado para as obras que suas mãos fizeram, viu que todas eram vaidade e perturbação do espírito, e não descansou de modo algum. Porque se nas tuas obras nos esforçarmos, farás de nós participantes de tua visão e de teu descanso. Pedimos, como suplicantes, que nossa mente fique firme, e que com novos benefícios³² queiras ver dotada a família humana, através das nossas mãos e das de outros a quem deres o mesmo espírito.

31 No original, *Apocalypsim*.

32 O original traz, novamente, *Eleemosynis* (ver nota 18).

A ESCADA DO ENTENDIMENTO
OU
O FIO DO LABIRINTO

Seria verdadeiramente difícil a crítica daqueles que opinaram que *nada é conhecido*, se tivessem corrigido o princípio rígido por uma interpretação mais branda. Pois se alguém sustentasse que conhecer, corretamente compreendido, é precisamente conhecer por meio de causas e que o conhecimento das causas se expande e sobe numa série e como que numa cadeia contínua até as coisas mais conhecidas da natureza, a tal ponto que o conhecimento das coisas particulares não pode ser propriamente desvinculado do conhecimento exato de toda a natureza, não descobririas facilmente o que se poderia, por um juízo razoável, opor a esse princípio. De fato, seria muito pouco razoável poder dispor de ciência verdadeira de algo antes que a mente se apoiasse plenamente em uma explicação das causas. E poder-se-ia talvez julgar insensato e próprio de uma alma orgulhosa atribuir e reivindicar para a natureza humana o perfeito conhecimento do universo. Mas eles, ao contrário, sem nenhuma explicação ou moderação dessa maneira de agir, não tiveram receio de profanar completamente os oráculos dos sentidos. Isso se conjuga com a maior desesperança a respeito das coisas. E se devemos dizer toda a verdade, ainda que tivessem abdicado dessa calúnia, a própria disputa apareceria inoportuna e contenciosamente motivada, já que, aquêem desta que parecem compreender como a verdade no sentido próprio, tão grande campo se abre à indústria humana, que é uma atitude precipitada, como que de um intelecto agitado e perturbado, ansioso por

A grande restauração

(A escada do entendimento ou O fio do labirinto)

alcançar os extremos, negligenciar tão grandes utilidades situadas no meio. Seja como for, na verdade, pela distinção entre o verdadeiro e o provável, eles querem que se veja que eles destroem a certeza da ciência e retêm o seu uso. E, no que tange à parte ativa, querem que a deliberação sobre as coisas permaneça ileso. Entretanto, subtraída das almas dos homens a esperança de pesquisar a verdade, não há dúvida de que cortaram os nervos da investigação humana e transformaram a atividade da descoberta, com uma licenciosidade indistinta do pesquisar, num certo exercício do engenho³³ e da disputa.

Não podemos de todo negar, porém, que, se pudesse ocorrer uma associação entre nós e os antigos, é com este gênero de filosofia que estaríamos mais ligados, pois estamos de acordo com muitos dizeres e observações prudentes feitas por eles acerca das variações dos sentidos, da falta de firmeza do julgamento humano e acerca da necessidade de conter e suspender o assentimento.³⁴ A essas observações poderíamos ainda acrescentar diversas outras pertinentes ao mesmo tema, a tal ponto que entre nós e eles reste apenas esta diferença: eles afirmam, sem mais, que nada pode ser conhecido verdadeiramente, e nós afirmamos que nada pode ser conhecido verdadeiramente, pela via que até aqui percorreu a raça humana. Na verdade, a companhia desses filósofos não nos envergonha. Pois, se nessa associação fossem admitidos não apenas aqueles que tal concepção e princípio mantêm e admitem, mas também aqueles que, ou ostentam o mesmo, na própria forma de interrogar e objetar, ou confessam-no e quase gritam, deplorando a obscuridade das coisas e indignando-se, ou ainda os que o consideram secretamente e como que o sussurram em dizeres raros e ocultos, encontrarias, entre eles, de longe os maiores homens desde os antigos, os príncipes da contemplação, em cujo consórcio ninguém se lamentaria de ser incluído. Com efeito, um ou outro dos antigos, talvez, valeu-se da confiança de sentenciar, mas ela própria não se fortaleceu, a não ser há pouco tempo,

³³ Latim *ingenii*.

³⁴ Para o conceito de “assentimento” (*assensus*), ver Cícero, *Questões acadêmicas*, 1.40, 45, 2.37-39 (*adsensio* = gr. *sygkatathesis*), 67-68, 108.

A grande restauração

(A escada do entendimento ou O fio do labirinto)

nos séculos bárbaros, mas agora é conservada por certa facção, por hábito e negligência.

Mas, de outra parte, retornando àquela sociedade de que falamos, ver-se-ia com clareza, facilmente, que nós, em relação àqueles homens, estamos unidos inicialmente em nossas opiniões, mas no final estamos imensamente separados. Pois, ainda que primeiramente não parecêssemos muito dissentir (porque eles afirmam a incompetência do intelecto humano de modo absoluto e nós a afirmamos condicionalmente), este é o resultado: eles, não descobrindo nem esperando nenhum remédio a esse mal, desistem da empresa e, uma vez assediada a certeza dos sentidos, despojam a ciência dos seus fundamentos mais básicos; nós, trazendo uma nova via, esforçamo-nos por controlar e corrigir os erros, ora da mente, ora dos sentidos. Por conseguinte, tendo julgado que a sorte já foi lançada, eles se voltam para uma certa peregrinação livre e agradável do engenho, enquanto se nos apresenta, segundo nossa opinião, uma província difícil e remota, a qual fazemos prece que seja continuamente fecunda e próspera para o gênero humano.

Eis por que descrevemos os princípios dessas vias no segundo livro,³⁵ e nós próprios tratamos, em seguida, imediatamente após ingressarmos nelas, da História e dos Fenômenos do Universo, no livro terceiro.³⁶ Neste, certamente, adentramos e atravessamos as selvas da natureza, escuras e encobertas pela variação infinita dos experimentos, como que pela folhagem, e entrelaçadas pela sutileza das observações, como que por ramagens miúdas e espinhos. E agora chegamos a coisas talvez mais manifestas, abertas, todavia mais difíceis: das selvas passamos às bases das montanhas, pois da história conduziremos às coisas universais, por um atalho certo e firme (ainda que por uma via nova e não trilhada). E certamente não seria mal que afluísse às vias da contemplação aquela bifurcação da

35 Isto é, no segundo livro de *A grande restauração*, o *Novum organum*, em especial na segunda parte dessa obra.

36 Bacon publicou, conjuntamente com o *Novum organum*, um modelo da espécie de História Natural que tinha em vista, o *Parasceve ad Historiam Naturalem*. O tema é desenvolvido no "Plano da obra" de *A grande restauração*.

A grande restauração

(A escada do entendimento ou O fio do labirinto)

vida ativa, célebre e decantada pelos antigos, segundo a qual uma estrada, plana e fácil no início, conduzia a uma parte escarpada e inacessível; a outra, a princípio árdua e incerta, terminava plana. Com efeito, exatamente do mesmo modo, aquele que insistir em obter, já desde a primeira investigação, certos princípios imutáveis nas Ciências, com base nos quais, com segurança, desenvolveria outros princípios, como que sem esforço; se, todavia, ele tiver continuado e não tiver abandonado a investigação por se sentir demasiado contente ou descontente consigo mesmo, para ele está reservada a fortuna da primeira via. Aquele que, de outra parte, tiver suportado, com paciência verdadeira e incansável, retiver o juízo, ascender gradualmente e vencer os cumes das coisas, como se fossem montanhas, primeiro uma, depois outra e depois ainda outra, esse oportunamente atingirá os cimos e cumes da natureza, onde a posição é serena e belíssimas são a vista das coisas e a descida que conduz, por um declive suave, a todas as práticas.

Por conseguinte, nossa intenção é, tal como no segundo livro o fazemos com relação aos preceitos, aqui propor e descrever modelos da investigação verdadeira e legítima sobre as coisas, conforme a variedade dos temas. E isso fazemos na forma que julgamos estar de pleno acordo com a verdade e que transmitimos como aprovada e selecionada. Não atribuímos, contudo, tal como é costumeiramente aceito pelos homens, nenhuma necessidade a todas as partes dessa fórmula, como se fossem únicas e invioláveis. Não pensamos, com efeito, que a indústria e a felicidade dos homens devam ser como que afixadas a uma coluna. E nada impede que aqueles que são mais abundantemente providos de ócio, ou já estiverem livres das dificuldades que num primeiro momento é necessário que acompanhem o experimentador, conduzam aquilo que foi demonstrado a algo melhor. Decidimos, ao contrário, que a verdadeira arte se desenvolva.³⁷

37 *Quin contra, artem veram adolescere statuimus.* “Está desse modo no original. Possivelmente o manuscrito estava imperfeito no fim e foi completado por conjectura, pois isso dificilmente pode ser o que Bacon escreveu. O aforismo é repetido em diversos lugares, e sempre na forma *artem inveniendi cum inventis adolescere* (“desenvolver-se a arte de descobrir com descobertas”). Veja-se o final do primeiro livro do *Novum organum*. – J. S.” (Nota de James Spedding, ad loc.).

